

Opinião



EDUARDO JORGE MADUREIRA LOPES



RUI ROSAS DA SILVA

OS DIAS DA SEMANA

Ariana Grande e os cristãos coptas

O início de um destaque incluído nas páginas de agenda do *Público* de quinta-feira sobre uma iniciativa prevista para esse dia oferece, inadvertidamente, uma adequada ilustração de um conflito entre modos de encarar a missão do jornalismo.

Dizia o texto: “É bem conhecida aquela afirmação que identifica a efemeridade do trabalho do jornalista: depois de lido, um jornal destina-se a embrulhar o peixe na manhã do dia seguinte... Mas não tem que ser sempre assim, e, de vez em quando, surge alguém a inventar destinos menos desprestigiados para os jornais. É isso que os portuenses poderão hoje experimentar se se aproximarem, a meio da tarde, da Faculdade de Belas Artes do Porto. No programa da exposição ‘Do It’ – que é como quem diz, ‘Faça você mesmo!’ –, inaugurada no final de Março, o *Público* vai conhecer um destino diverso do esquecimento diário.”

No dia seguinte, uma fotografia, pomposamente intitulada “*Público sculpture for strolling nas ruas do Porto*”, documentava o que se tinha passado de tão memorável para resgatar o prestígio dos jornais em geral e do *Público* em particular: um indivíduo empurrava pelo chão portuense uma bola construída com edições do *Público*. Era a tal “escultura para passear”, *much more appealing*, se referida em inglês. Com a ocorrência, o jornal trocava um destino útil, “embrulhar o peixe”, por uma futilidade pretensiosa, o envolvimento numa manifestação artística sem relevância.

Também o jornalismo prefere, não raras vezes, o enfatuamento em detrimento do serviço, secundarizando, desse modo, a sua principal tarefa, que consiste em recolher e tratar informação, verificando devidamente a sua veracidade e apurando a sua utilidade, seleccionando, segundo critérios perceptíveis, a que deve merecer atenção e cuidando de a hierarquizar, também com alguma regra entendível.

As primeiras páginas dos jornais nacionais destacavam, na quarta-feira, um trágico acontecimento: um atentado terrorista que provocou, em Inglaterra, 22 mortos e 59 feridos, sobretudo adolescentes, que tinham ido assistir a um concerto de Ariana Grande. Ontem, os mesmos jornais não dedicavam qualquer espaço na primeira página a outra tragédia: um ataque terrorista que causou, no Egipto, a morte de 28 cristãos coptas (incluindo crianças) e o ferimento de 25.

Quem, na quarta-feira, tivesse lido a imprensa poderia ter ficado a saber minuciosamente quem é Ariana Grande – que tem 23 anos; mede 1,55 metros; é da Florida; deve o nome a uma personagem da banda desenhada, Oriana, a princesa cantora do filme *Gato Félix*; tem uma família, com origem italiana, da classe média; tem um meio-irmão, chamado Frankie, assumidamente homossexual – e quem a lesse nos dias seguintes conheceria abundantes detalhes sobre as vidas das vítimas. Mas lendo-a ontem nada se encontraria que ajudasse os que quisessem esclarecer-se sobre quem são os coptas.

Como os assassinos de Inglaterra e do Egipto ti-

nam as cabeças forradas com as mesmas ideias, o número de vítimas era semelhante e nos dois locais havia crianças e jovens, é incompreensível que um jornal como o *Público* dedique, ao que aconteceu em Inglaterra, o espaço principal da primeira página, seis páginas de destaque, um editorial, e o cartoon e o texto de opinião que ocupavam a última página e, ao sucedido no Egipto, dez linhas. Ontem, para o *Público*, o privilégio dos destaques era concedido a dois temas: os filmes de Cannes “que nos vão ficar na memória”, dando-se, de resto, o caso, de, após a leitura das sinopses, se perceber que é improvável que fiquem na memória, e os resultados de mais um estudo académico, este da Universidade de Lisboa, sobre os custos da frequência do ensino superior.

É verdade que o que está mais próximo de nós é susceptível de nos interessar mais, mas isso não impõe que se seja indiferente ao que se passa mais longe. Por isso, a notícia do assassinato dos cristãos egípcios esteve nas primeiras páginas de jornais da Europa e dos Estados Unidos da América (*El Mundo*, *Le Figaro*, *Corriere della Sera*, *Frankfurter Allgemeine*, *The New York Times*). Por isso também, não se esperaria que, entre nós, o assunto ocupasse quase integralmente uma primeira página, como sucedeu com o jornal egípcio *Al Akhbar*, que fazia notar que “*O terrorismo persegue os coptas*”, mas é bizarro que o *Diário de Notícias* não tenha dedicado uma linha num canto inferior de uma página ímpar à carnificina no Egipto. “*Um dia na estrada com os Moonspell*”, título da manchete do jornal, pode ser muito palpitante, mas o que se passou na estrada por onde seguia a camioneta com cristãos coptas a caminho do Mosteiro de São Samuel, interceptada e alvejada por cerca de uma dezena de atiradores, não deveria ter ficado sem menção.

Quem quisesse saber alguma coisa sobre o que sucedeu numa estrada egípcia teria de comprar o *Correio da Manhã*, a ovelha negra da imprensa portuguesa ou o bode expiatório de todos os males jornalísticos nacionais, ou o *Jornal de Notícias*, onde se encontrava a notícia mais completa sobre o massacre.

Contrastes familiares ⁽¹⁾

Há já bastante tempo, falando com um jovem numa viagem de comboio, ganhámos alguma intimidade. Estudava numa faculdade universitária o seu curso, que pensava terminar da melhor maneira, dentro de dois anos. Já não sei porquê, veio à baila o tema das famílias a que eu e ele pertencíamos. Informou-me de que era filho

único e só tinha que agradecer muito a seus pais o não terem querido voluntariamente dar-lhe irmãos. Deste modo, sentia as suas responsabilidades no comportamento que devia devotar-lhes com mais veemência, porque todo o carinho e preocupação que os progenitores lhe dedicavam eram únicos, dirigidos num só sentido – ou seja, a ele e só a ele – e tudo isso o tornava mais consciente das obrigações de filho.

Por outro lado, acrescentou, constatava com regozijo que vivia numa certa abundância de bens materiais próprios, que o rodeavam dum modo agradável. Mais uma forma dos pais – observou – lhe exprimirem o seu amor, porque se tivessem de repartir esses bens por outros filhos, empobreceria a todos e nenhuma vantagem daí resultaria. E acrescentou: “Mas isto não me tornou egoísta, porque quando alguma dessas «coisas» começa a precisar de “reforma”, imediatamente a faço chegar a uma obra de caridade. Assim me ensinaram”.

Confesso que comecei a sentir-me um pouco desgostoso com a sua argumentação sobre as vantagens de ser filho único. Mas o meu interlocutor ocasional continuou o seu discurso, achando muito natural que o pai e a mãe, depois de quinze anos de vida em conjunto, determinassem diversificar as suas companhias. Deste modo, a mãe encontrou um companheiro muito simpático, que vivia desde então na sua casa, mas não interferia em nada na sua relação de filho para com a mãe e da mãe para com o seu filho, pelo que não lhe causava problemas educativos.

Quanto ao pai, ele devia compreender que a amiga com quem coabitava já tinha dois filhos numa relação anterior, pelo que a sua ida ao novo lar paterno tornava-se um pouco menos acolhedora, apesar de nada ter a criticar sobre o amor carinhoso do pai, que continuava a manifestar-lhe um afecto de eleição, que em nada se comparava, certamente, com as relações de convivência diária com os descendentes da sua nova “cara-metade”. Suspeitava, até que, de vez em quando, haveria algumas escaramuças relacionais. Não se metia nelas, pelo menos enquanto o pai continuasse a manifestar para consigo tantas atenções e manifestações de verdadeira e prioritária amizade e consideração. Virou-se para mim e perguntou-me: “O senhor padre é filho único?” Respondi-lhe que não. “Então tem mais algum irmão ou alguma irmã?” “Mais um ou uma, não. Somos nove irmãos, entre rapazes e raparigas”.

Ficou estarecido, boquiaberto, completamente perplexo. Torceu o nariz, abriu os olhos quase até ao cima da testa. “Que exagero!” Respondi-lhe com simplicidade: “Nunca notei isso...”. “Mas o senhor padre é feliz, foi feliz? Os seus pais gostavam de si?” “Muitíssimo, afirmei, de mim e de todos os outros filhos...”. Não entendia: “Mas não havia uma barafunda tremenda com tanta gente? Foram todos bem-educados? Os seus pais nunca pensaram em separar-se...?” Observei-lhe: “Além de serem muito amigos um do outro e de todos os filhos, como já lhe disse, tinham um grande sentido de responsabilidade e nove razões muito sérias que confirmavam o seu amor todo o dia e toda a noite, pelo que nem sequer lhes passava pela cabeça essa hipótese...”.

A viagem chegou rapidamente ao seu termo. Despedimo-nos, trocando telefones para eventuais encontros futuros. Continuava a fitar-me com sobressalto, como se eu fosse um lunático ou um ET inadaptado à realidade terrena. Ao voltar-me as costas para sair, ouvi-o murmurar entre dentes: “Nove filhos! Safa!...”